

(RE) SIGNIFICAÇÕES EM PRODUÇÕES BILÍNGUES: LIBRAS-PORTUGUÊ

Arlene Batista da Silva Ferreira (UFES)
arleneincriveil@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Será que a tradução encontrou seu tempo? Em virtude do crescimento da tecnologia da comunicação neste século, a cada dia mais pessoas tem feito uso da tradução para se comunicar com outras, dos lugares mais longínquos. Poderíamos pensar, então, que nunca houve uma necessidade tão grande de usar a tradução para conhecer outros povos, como nos dias atuais. Mas se olharmos com atenção para o início de nossa civilização ocidental, veremos que a tradução já foi amplamente utilizada com os mais diversos propósitos.

Na Antiguidade Clássica, os romanos se valeram da tradução para verter a cultura grega ao latim. Segundo Furlan (2003) os romanos admiravam as criações literárias dos gregos, seus conhecimentos científicos e os tomaram como modelo, com o intuito de erigir sua própria literatura. Nesse sentido, o fenômeno da tradução foi para os romanos a chave que lhes deu acesso ao enriquecimento literário, cultural e linguístico.

Durante a Idade Média, a tradução serviu aos interesses da igreja. Com a expansão do Cristianismo, a tradução da bíblia estava maquiada com o discurso de espalhar a palavra de Deus. Nessa época, desenvolve-se um grande literalismo, já que a tradução dos livros sagrados exigia uma “reprodução fiel” dos originais. Furlan (2003) afirma que nessa época começa haver distinções entre as traduções: a sacra (com maior grau de literalidade) e a profana (privilegiando o sentido). Também surge um movimento de tradução do latim para as línguas vulgares de natureza religiosa, fruto do trabalho evangelístico da igreja Católica.

Segundo Basnett (2003) a tradução na Europa renascentista exerceu um poder modelador na vida intelectual da época. Muitas foram as reflexões que surgiram sobre a prática tradutora, promovidas pelo retorno aos clássicos gregos e a tradução dos mesmos. Furlan

(2003) destaca, ainda, que a invenção da prensa foi um fator decisivo para a ampla divulgação dos clássicos em diversas línguas, favorecendo o aumento de traduções de todo tipo.

À luz dessas informações podemos afirmar que a tradução não é um fenômeno do nosso tempo, requisitado pelo homem contemporâneo, diante da necessidade de comunicar-se com pessoas de outras culturas. A prática da tradução é uma das atividades mais antigas já realizadas pelo homem e sua importância se dá pelo fato de que “a tradução constitui-se como **ato fundamental do intercâmbio humano**” (Basnett, 2003, p. 1 grifo nosso). Em outras palavras, a tradução é a ponte que nos permite passar de uma língua à outra, de um mundo a outro, promovendo a continuidade e a difusão das culturas.

Ancorados nessas proposições, entendemos que a prática tradutória se faz presente nos mais diversos contextos sociais. Seja na atividade profissional ou no convívio diário, as pessoas estão, através das interações sociais, lançando mão dessa ponte, a fim de compreender o outro. Dessa forma, ressaltamos a importância de analisar de maneira mais profunda situações reais mediadas pela tradução, que permitam conhecer os elementos que constituem esse processo.

Assim, considerando a tradução como uma ponte que conecta línguas e sociedades, desvelando suas semelhanças a partir de suas singularidades, uma pergunta nos move na busca por compreender: como se dá o processo tradutório entre duas línguas tão distintas e tão próximas, quais sejam: Língua Portuguesa e a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

CONVIVER ENTRE DOIS MUNDOS

Para iniciar uma discussão sobre a tradução entre duas línguas diferentes, é preciso definir a que público essa tradução será dirigida. Neste trabalho, voltaremos nossa atenção para a tradução LIBRAS-português, ou seja, a LIBRAS será a língua-fonte, ou seja, a língua da qual se traduz e o português será a língua-meta que é a língua oficial do Brasil.

Conhecer bem as línguas que estão envolvidas no processo de tradução é muito importante, pois as pessoas que falam línguas dife-

rentes, têm visões de mundo diferentes oriundas de sua cultura, seus valores e tradições. Por isso, apresentaremos algumas noções que configuram a estrutura linguística do português e da LIBRAS.

O português é considerado a língua majoritária do Brasil, pois é praticada oficialmente em todo o território nacional, seja sem produções escritas ou orais. No entanto, o português coexiste com muitas outras línguas que também são aprendidas como línguas maternas¹, dentre elas a Língua Brasileira de Sinais (doravante LIBRAS).

Ancorados em Quadros (1997) ressaltamos que o português é uma língua falada por uma comunidade ouvinte que, portanto, utiliza o canal oral-auditivo como modalidade linguística, ou seja, a comunicação se dá por meio de sons articulados que são percebidos através da interação falante/ouvinte.

Nesse sentido, apresentaremos, *grosso modo*, alguns elementos que constituem a estrutura da língua portuguesa. No nível fonológico um conjunto de 34 fonemas (sons) que são representados por 26 letras do alfabeto, usadas para formar palavras; quanto ao vocabulário temos um número extenso de palavras formado pelo processo de derivação e composição; e no nível sintático as sentenças seguem a ordem SVO (sujeito, verbo, objeto), com a concordância sujeito-predicado.

Diferentemente do português, Quadros (2003) nos esclarece que a LIBRAS é uma língua espaço-visual, pois sua realização é estabelecida através da visão e da utilização do espaço. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais.

Enquanto no português a palavra é formada pelos sons ou fonemas, na LIBRAS, as unidades mínimas da palavra (ou sinal) são: a configuração de mãos, o movimento, o ponto de articulação, a orientação e a simetria, revelando que a natureza das unidades dos sinais é espacial.

¹ Línguas de origem asiáticas, européias, indígenas etc.

O processo de formação de palavras por composição e por derivação também é muito usado na LIBRAS, permitindo a ampliação do vocabulário. Por exemplo, o sinal “falar-sem-parar” (duas mãos e movimentos longos) é uma derivação do sinal “falar”; ao passo que, por composição temos a adjunção de dois sinais simples em formas compostas como “casa+cruz”, significando igreja.

Quanto à estrutura sintática, observamos que na LIBRAS é muito frequente a ordem tópico-comentário. Assim, a sentença “O leão matou o urso”, em português, se realizaria da seguinte forma na LIBRAS: “O urso, o leão matou”, transportando o objeto direto para a posição de tópico, enquanto o sujeito e o verbo ocupam a posição de comentário.

As informações até aqui apresentadas são suficientes para revelar a complexidade da tradução entre LIBRAS-português. Isso porque as duas línguas em questão fazem parte de modalidades totalmente distintas. Nesses casos, como sugere Campos (2004), a tradução mais adequada é a oblíqua, que tende a distanciar-se bastante da forma original, tornando-se assim, menos literal, menos palavra por palavra, permitindo adequações entre as línguas através de recursos como: transposição², modulação³, equivalência⁴, adaptação⁵, etc., no intuito de preservar a equivalência textual e a correspondência formal, com o mínimo de perda.

É importante destacar que possuir um conhecimento linguístico de duas línguas, utilizar recursos que permitam adaptações é o primeiro passo, no entanto, a tradução se dá através um processo interpretativo e comunicativo que envolve além de elementos linguísticos, conhecimentos (bi)culturais e enciclopédicos que interagem entre si em todo o ato de traduzir.

² Substituição de uma parte do discurso por outra, sem lhe alterar o sentido. (Campos, 2004, p. 37)

³ Variação da mensagem, por mudança de enfoque ou ponto de vista. (*Ibidem*, p. 38)

⁴ Ocorre quando dois textos, original e tradução, dão conta de uma mesma situação, utilizando recursos linguísticos e estruturais totalmente diferentes. (*Ibidem*, p. 38)

⁵ Ocorre quando a situação expressa na língua-fonte não faz parte do repertório cultural dos falantes da língua-meta. (*Ibid*, p. 42)

CONHECER O OUTRO

A tradução nos permite conhecer a cultura do outro. Nas palavras de Paz (1991, p. 150) “graças à tradução, ficamos sabendo que nossos vizinhos falam e pensam de modo diferente do nosso”. Nesse sentido, quanto mais conhecimento houver acerca da cultura da comunidade que usa a língua-fonte, no nosso caso LIBRAS, melhor será a tradução feita na língua-meta: português. Por exemplo, se um surdo está narrando uma história, cujo tema seja “recebendo os amigos em casa” e num determinado momento ele está na sala e a luz começa a piscar, na cultura surda esse fato indica que os convidados já chegaram e estão à porta. Ao traduzir essa história para o português, o sinal “luz piscando” será traduzido pelo equivalente na comunidade de ouvintes, qual seja : o toque da campainha.

Esse exemplo nos mostra que numa tradução da língua-fonte LIBRAS para a língua-meta português ainda que seja possível traduzir os sinais por palavras e ordená-las numa sentença tipo SVO, existem informações que excedem os elementos linguísticos para o campo do extralinguístico. Portanto, entendemos com Campos (2004, p. 27), que “não se traduz de uma língua para a outra, e sim de uma cultura para a outra”.

Outras situações como conversar em lugares barulhentos ou debaixo d’água, comer e falar ao mesmo tempo, comunicar-se ao telefone através dos torpedos, usar alarme de segurança e detector de choro de bebê, substituição, nos esportes, de apitos por acenos e lenços etc., são alguns dos hábitos da comunidade surda, que são relatados diariamente em suas atividades comunicativas. Assim, entendemos que as produções surdas costumam ter como público-alvo pessoas que compartilham da mesma língua e das mesmas contingências culturais.

Nesse sentido, ao traduzir um texto da LIBRAS para o português o propósito principal deve ser o de levar o mesmo texto a um outro público, que não fala a língua do autor e sim a do tradutor que possui outra cultura, outros valores sociais, etc.. Assim, além de ser fiel à leitura que fazemos do texto na língua-fonte, nossa tradução será também fiel àquilo que somos, sentimos e pensamos em nossa própria língua (Arrojo, 1992).

À luz dessas considerações, concluímos que o processo de tradução requer do leitor/tradutor conhecimentos linguísticos a respeito do par de línguas envolvidas, conhecimentos sócio-culturais, e, a nosso ver, o mais importante: capacidade para promover a integração desses fatores, a fim de permitir a eficácia da tradução.

RE(SIGNIFICAÇÕES): LIBRAS-PORTUGUÊS

Será apresentado um breve relato de experiências mediadas pela tradução em um curso de LIBRAS para adultos, ouvintes de português, ministrado por um professor surdo em uma instituição privada. Inicialmente, os sinais eram apresentados de maneira isolada e sua tradução era (literal) escrita no quadro (em português) sem grandes problemas de compreensão. Ex.: o professor fazia um sinal cujo significado era “filho” e todos repetiam o sinal e escreviam em português. Ao traduzir frases da LIBRAS para o português escrito, os alunos seguem a língua-fonte e produzem frases do tipo: a) “Eu ir escola ontem”; b) “você trabalha escola qual?”; c) “ela pão comer”; d) “Curso LIBRAS muito legal eu achar”.

Ao analisar essas produções, identificamos que ao seguir a estrutura linguística da LIBRAS em: a) os alunos usam o advérbio ontem para fazer a marcação temporal de passado do verbo ir; em b) o pronome interrogativo qual é deslocado para o final da oração; em c) o verbo não é conjugado em tempo-modo e o objeto direto ocupa uma posição distinta: entre o verbo e o sujeito e em d) a ausência de conjugação tempo-modo e o uso do objeto direto e complementos na posição de tópico, enquanto sujeito e verbo é usado como comentário.

Baseados em Campos (2004), podemos afirmar que o exemplo acima é mais uma transcodificação do que uma tradução. Em outras palavras, os alunos apenas substituíram os signos de um código por outro, isto é, trocaram os signos (sinais) da LIBRAS para os signos (palavras) do português. Nesse processo de transcodificação não percebemos uma grande perda de conteúdo, já que conseguimos apreender o sentido da mensagem, porém a forma diverge, e muito, das sentenças produzidas em português.

Ainda no curso de LIBRAS, o professor narra uma piada⁶ sobre um caçador que encontra uma árvore cheia de pássaros. Ele carrega a arma e dá dois tiros em direção aos pássaros. Devido ao barulho do tiro, todos levantam voo alvoroçados, mas um permanece tranquilo no galho da árvore. Nesse momento o professor pergunta, *por quê?* A turma fica alguns instantes em silêncio e arrisca algumas hipóteses, até que, um aluno que possui amigos surdos responde: *porque o pássaro é surdo.*

Esse exemplo nos mostra que os surdos retratam sua maneira de viver e de ver o mundo no seio de uma comunidade que partilha os mesmos valores e se identifica com essas histórias, ora cômicas, ora trágicas. Nas palavras de Paz (1991, p. 149) “cada língua é uma visão do mundo, cada civilização é um mundo”. Nesse sentido, a tradução/ interpretação da piada mencionada, extrapola o linguístico e se torna a ponte que nos permite conhecer as singularidades do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos levou a uma reflexão a respeito da importância tradução no passado e no presente, como mediadora das relações humanas nos mais diversos contextos sociais. Nessa perspectiva, elegemos duas línguas como objeto de análise: a língua-fonte LIBRAS, e a língua-meta o português, sendo observadas em uma situação real de uso.

Em nossas análises percebemos que a tradução envolve um processo complexo entre línguas, contextos e culturas, não podendo, portanto, ser reduzida a uma atividade meramente linguística, cujas línguas teriam um conteúdo estável passível de ser transportado, constituindo, assim, um ato mecânico, de substituição de vocábulos, de uma língua para outra.

Identificamos, ainda, que não é possível traduzir de uma língua para a outra sem conhecer a cultura que significa essas línguas, pois é através da cultura que se desvela as relações entre os indiví-

⁶ Manifestações culturais e artísticas, que refletem peculiaridades da visão surda do mundo e envolvem questões de relacionamento, educação, entre outras. (Salles et alii, 2004, p. 42)

duos de uma mesma comunidade. Nesse sentido, concordamos com Paz (1991) ao afirmar que a tradução nos permite revelar as semelhanças entre os povos por cima de suas diferenças.

Por fim, ressaltamos que essas reflexões não encerram o assunto acerca da tradução, antes servem como base para questionamentos mais profundos, que nos levem a entender uma das mais complexas atividades realizadas pelo homem: a produção de significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1992.

Bassnett, Susan. *Estudos da tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – os romanos. *Cadernos de Tradução* n. VIII.

———. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. A Idade Média. *Cadernos de Tradução* n. XII.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

PAZ, Octavio. *Literatura e literalidad*. In: *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.